



COLUNA DO CASTELLO

CARLOS CASTELLO BRANCO

Se as mudanças podem ser 'progressistas'

A intervenção do senador Humberto Lucena na controvérsia econômica serviu para alguma coisa. As reações que provocou com a revelação do *plano progressista* terminaram por deixar claro que o presidente se propõe a fazer mudanças na ordem econômica. Itamar não quer congelamentos, choques, alongamentos, etc., mas quer um programa antiinflacionário baseado não na recessão mas no desenvolvimento. É nessa linha que trabalha o ministro da Fazenda ou pelo menos é nessa linha que Itamar pretende que Eliseu Resende esteja trabalhando.

E Itamar quer essa troca de ênfases simplesmente por estar convencido de que se não houver uma ação imediata do governo para atender a crise social será por aí que poderá ocorrer uma convulsão no país. Por isso mesmo ele adverte os precipitados candidatos presidenciais de 1994 que se preocupem mais com o país e com a sociedade do que com suas próprias carreiras. Não hesitou o presidente em invocar a velha imagem do tanque de gasolina e do fósforo para dar a devida dramaticidade às suas preocupações e ao seu prognóstico.

Como se vê, o presidente da República deu algumas voltas para saber como atacar o social, que lhe parece prioritário, sem ferir as prioridades dos economistas, que têm preferido a recessão e a contenção monetária a liberalizações que poderiam ser prematuras. A correção salarial e os índices de crescimento registrados no começo do ano, com reflexos na queda de taxas de juros, foram estimulantes. Afinal isso poderia ser feito sem abandono da rígida determinação de evitar choques e congelamentos, que tantas vezes provaram ser contraproducentes no combate à inflação.

Foi certamente por aí que o senador Humberto Lucena concluiu estar o governo prestes a lançar um *plano progressista*, fundado em princípios estranhos ao neoliberalismo. Lucena tem sido acusado de gostar de nomear parentes mas não de inventar notícias. Ele pode até ter juntado o que ouviu com suas reminiscências dos tempos em que o economista Inácio Rangel, guru da esquerda, orientava o pensamento dos economistas em ação em diversos governos, para chegar à conclusão de que o programa seria *progressista*. Naquele tempo ser progressista era ser de esquerda, coisa que só começou a mudar com a

queda do muro de Berlim.

Claro que a ilação ganhou tanto mais espaço no espírito do presidente do Senado quando ele soube que o programa em elaboração atendia também a recomendações do ministro Walter Barello, que vai definindo espaços concretos dentro do governo Itamar. O governo distancia-se obviamente do pensamento neoliberal e procura armar sua base político-parlamentar naquela faixa sonhada pelo líder Roberto Freire que trabalhará tanto melhor quanto menos herdeiros do *centrão* de 1988 tiver que acomodar.

O ministro Eliseu Resende, com seus 14 ou 15 princípios anunciados em seguida à sua posse no Ministério da Fazenda, se não se inscreveu na linha-gem que, vinda de Márcio Marques Moreira, passou por Gustavo Krause e Paulo Haddad, deixou claro que não se afastaria da linha mestra do pensamento desses economistas, sabe que por aí tranquilizou os agentes financeiros. Toda vez que irrompe um rumor que contrarie tal expectativa a bolsa logo registra inquietação e instabilidade. Por isso mesmo ele tem de conter rumores sobre preparação de qualquer plano econômico, com receio de que qualquer indicação de mudança importe em desgaste da economia e em gastos financeiros.

Político habilidoso e administrador experiente, o ministro tentará mover-se entre a inspiração pelo social e os limites apertados que lhe deixa a inflação. O presidente Itamar está jogando na sua lealdade e na sua criatividade para coordenar uma ação do governo na área econômica e social, a partir do que sua posição se consolide e lhe permita enfrentar a agressão dos candidatos à sua sucessão que pretendem crescer batendo num governo fraco. O presidente está convencido de que não só está no caminho certo como de que só assim ajudará o futuro governo a encarar os problemas do desenvolvimento e da inflação sem a angústia das carências sociais mais prementes.

Quanto aos economistas, Itamar já tem deixando claro que encara com relativismo sua ciência. O papel da liderança política seria discernir e decidir naquele espaço que escapa à pretensão da ciência econômica de transformar em verdades incontestáveis suas hipóteses e prognósticos de trabalho. Se isso afeta o neoliberalismo, quem o disse foi o senador Lucena, que deve saber o que está falando.